

**A ESCRIVÊNCIA DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE EM AMERICANAH:  
diálogos com Conceição Evaristo**

***The Escrevivência of Chimamanda Ngozi Adichie in Americanah: dialogues with  
Conceição Evaristo***

Ana Claudia Oliveira Neri Alves<sup>1</sup>

Elio Ferreira de Souza<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo discute a articulação entre o fazer literário e a condição biográfica do sujeito autoral proposta por Conceição Evaristo no seu conceito da *Escrevivência*. Buscamos evidenciar a escre(vivência) da Chimamanda Ngozi Adichie, mulher negra nigeriana que inscreve no corpus literário contemporâneo uma forma contundente de auto-representação individual e coletiva, presente no registro ficcional de questões raciais e de gênero apresentados no romance “Americanah” (2013). Analisamos essa possibilidade de reflexão sobre o papel da mulher negra enquanto escritora, verificando as operações estéticas a partir das quais elas articulam as intervenções da vida sobre a palavra escrita e vice-versa.

**Palavras-chave:** Chimamanda Adichie. Conceição Evaristo. Autoria feminina. Autoria negra. Escrevivência.

**ABSTRACT:** This paper aims to moot the articulation between the literary work and the biographical condition of the author as proposed by Conceição Evaristo in her concept of *Escrevivência* (the way a text that is constructed in between the literary and the existential realms). We seek to evidence the *Escrevivência* of Chimamanda Ngozi Adichie, a Nigerian black woman who inscribes in the contemporary literary corpus a strong form of individual and collective self-representation, within the fictional record of racial and gender issues presented in the novel “Americanah” (2013). We analyze this possibility of reflection on the role of the black woman as a writer, verifying the aesthetic operations from which they articulate the interventions of life onto the written word and vice versa.

**Keywords:** Chimamanda Adichie. Conceição Evaristo. Female authorship. Black authorship. Escrevivência.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Piauí – UESPI e Especialista em língua Inglesa pela Faculdade São Gabriel – UNESC – [anaclaudianeri2@gmail.com](mailto:anaclaudianeri2@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Letras, Professor e Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisa Afro da Universidade Estadual do Piauí – UESPI – [professorelioferreira@yahoo.com](mailto:professorelioferreira@yahoo.com)

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura produzida por mulheres africanas e afrodescendentes aponta para o desejo de transformação histórica fruto das complexas articulações entre tradição e contemporaneidade, evidenciadas por meio da sua escrita. A partir disso, elegemos duas autoras da literatura negra contemporânea com produções literárias representativas que versam sobre a questão do feminismo negro: Chimamanda Ngozi Adichie e Conceição Evaristo.

Chimamanda Ngozi Adichie, nasceu em Enugu, Nigéria, no ano de 1977. Filha de Grace Ifeoma e James Nwoye Adichie. Morou com a família em Nsukka, onde o pai foi reitor da universidade, lecionava Estatística e a mãe trabalhava como secretária. Iniciou os cursos de Medicina e Farmácia na Universidade da Nigéria (Nsukka), mas, aos dezenove anos, partiu para os Estados Unidos da América a fim de estudar Comunicação e Ciência Política na Drexel University, na Philadelphia. Em 2003, completou seu mestrado em Redação Literária na Universidade Johns Hopkins e, em 2008, tornou-se mestre em Estudos Africanos pela Universidade de Yale. Adichie teve sua primeira obra, *Hibisco Roxo*, publicada em 2003. Em 2006, publica *Meio Sol Amarelo* e, com este, recebe o “*Orange Prize*” de ficção em 2007. Sua publicação seguinte foi um livro de contos intitulado *The thing around your neck* (2009). A mais recente produção de Adichie é o romance *Americanah* (2013).

*Americanah* tem como fio condutor o romance entre Ifemelu e Obinze que iniciam seu relacionamento ainda adolescentes na Nigéria e posteriormente seguem percursos diferentes, e eventualmente se reencontram no retorno dela à terra natal. Ifemelu é uma jovem nigeriana de classe média que ao chegar aos EUA para estudar se depara com a diferença dos valores culturais e sociais e, principalmente, na questão racial. Como uma estrangeira que nunca percebeu hostilidade por conta da cor da sua pele, Ifemelu observa minuciosa e criticamente atitudes que passam despercebidas por aqueles que estão habituados a essas situações.

Segundo Elaine Showalter, em *A literature of their own* (1977), o texto deve refletir a experiência do escritor; quanto mais autêntica a experiência descrita, mais válido o texto é para o leitor. Nesse sentido a vivência de Chimamanda como mulher, negra, estrangeira, que buscou educação fora de seu país e a volta a terra natal após essa experiência em terras estrangeiras se refletem na representação ficcional das vivências das personagens em *Americanah* e na apresentação dos

valores da sociedade nigeriana. “A vivencia pode ser fictícia, no sentido de inventada, mas o sujeito vivencial e com ele o sujeito de enunciação, o eu lírico, pode existir somente como um real e nunca fictício.” (BERND, 1988, p.197)

A experiência de Ifemelu, a princípio, pode parecer estritamente pessoal, mas Adichie constrói a condição feminina da personagem como o fruto de tensões sociais reveladas em sua luta diária contra o preconceito. Através das postagens em seu blog intitulado: “*Recteenth ou Observações Diversas sobre Negros Americanos (Antigamente Conhecidos como crioulos) Feitas por uma Negra Não Americana*” (ADICHIE, 2013, p.07), Ifemelu denuncia essas tensões sociais transindividuais que afetam, na contemporaneidade, o negro nos EUA, nativo ou imigrante, e de modo especial, a mulher diaspórica.

Segundo Antônio Candido, “a arte é expressão da sociedade, exprime condições de cada civilização em que ocorre e é também social, interessada nos problemas sociais” (CANDIDO, 2010, p. 28). Ou seja, a escrita literária é reflexo da sociedade à qual o autor pertence e através desse olhar podemos vislumbrar os aspectos sociais, culturais e identitários e perceber o lugar de onde fala o escritor. Em *Americanah*, Adichie divide a trajetória de Ifemelu em segmentos de formação de identidade da personagem que representam o processo de formação da identidade do imigrante pós-colonial: seu período como nigeriana nativa, sua experiência como uma imigrante nos EUA, sua “americanização” e seu retorno à Nigéria. A narrativa introspectiva de *Americanah* explora o intimismo, realismo e uma certa ironia não só com o intuito de impactar o leitor, mas também de revelar o compromisso e a identificação da intelectualidade africana com aqueles colocados à margem do que o discurso pós-colonial imperialista chama de progresso.

Chimamanda é hoje uma das vozes do continente africano na construção da sua nova identidade e atua na tentativa de desconstrução dos estereótipos acerca de seu povo, escrevendo sobre a África numa perspectiva transcultural, em que as diversas identidades dos sujeitos africanos são compreendidas nas relações de alteridade, nos conflitos internos marcados pela experiência da independência e pela influência externa do neoimperialismo e da globalização. Em *Americanah*, Adichie usa o debate sobre a alteridade como um caminho que leva o leitor a compreender a contemporaneidade dos debates sociais e culturais africanos. A partir das relações pessoais e sociais vividas pelas personagens, a autora busca aproximar o leitor, familiarizá-lo e humanizar a visão que possam ter desses sujeitos africanos para,

dessa forma, construir uma nova identidade para esses sujeitos perante os olhos do mundo.

*Americanah* é um romance marcado por um tom incisivo e realista, o que revela o intuito de transpor para a literatura toda a tensão inerente ao cotidiano desses sujeitos pós-coloniais que estão permanentemente submetidos à uma condição de subalternidade e de não-pertencimento. Na infância de Ifemelu, sua mãe se exaspera:

“Por que essa menina tem de dar tanto trabalho? Sempre digo que, se era para se comportar assim, melhor se tivesse nascido menino.”  
“Minha irmã, você sabe que o problema de Ifemelu é nem sempre saber quando deve ficar de boca fechada. Não se preocupe, vou conversar com ela”, disse tia Uju(...) (ADICHIE, 2013, p.46)

Elas se referem a mania de Ifemelu de falar o que lhe vem à cabeça, numa clara tentativa de silenciar essa voz feminina, cujo direito de se expressar é negado no momento em que nasceu mulher. Percebemos então que algumas das mulheres retratadas por Adichie, como a mãe de Ifemelu, estão circunscritas à uma estrutura histórico-ideológica pós-colonial que aprisiona a mulher a uma subalternidade dupla, como problematiza Spivak em *Pode o Subalterno Falar?*: “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2014, p. 85).

Consideramos que é possível à obra (re)construir a vida, através de “pontes metafóricas”. Na trajetória de Adichie, observamos pistas de possíveis percursos e leituras de cunho biográfico. Na construção das suas obras, em especial no romance em estudo, ora em entrevistas, ora em ensaios e discursos proferidos por ela, conseguimos encontrar peças para a montagem do quebra-cabeça literário e biográfico presente em sua produção literária. Percebemos, portanto, uma narrativa impulsionadora de mudanças. A escolha das personagens femininas nos romances de Chimamanda não é mero acaso. Pela dupla marginalização, as mulheres inscritas em seus romances identificam outra sensibilidade, outra percepção do real, exteriorizado a partir de seu lugar subalternizado na sociedade.

Adichie nos mostra as mulheres em sua diversidade, desde representações da mulher nigeriana moderna, que adquiriu autonomia, a outras que apresentam a mulher presa a tradições tribais. Nesse romance, a figura autoral de Adichie ajuda a

criar imagens de inúmeras Chimamandas em suas personagens como Tia Uju, Mariama, Genika e tantas outras, e de forma especial sua protagonista, Ifemelu. Dessa forma, a autora exercita certa maleabilidade do eu e da escrita de si. Nesta obra de caráter um tanto autobiográfico, percebemos a Escrivivência que é, segundo Conceição Evaristo, a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência individual e subjetiva.

Ele [o texto] tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma subjetividade própria vai construindo sua escrita, vai inventando, criando o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um corpo-mulher-negra em vivência e que por esse ser o meu corpo, e não outro, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (EVARISTO, 2011, p.132)

Maria da Conceição Evaristo de Brito, ou simplesmente Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte em 1946. Menina pobre, filha de lavadeira, trabalhadora doméstica, moradora de uma favela em Belo Horizonte, MG. Conceição tornou-se uma escritora negra de projeção internacional, além de uma militante que atua dentro e fora dos marcos da academia: é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e concluiu recentemente seu doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense. Publicou seu primeiro poema “Vozes Mulheres” em 1990, no décimo terceiro volume dos *Cadernos Negros*, editado pelo grupo *Quilombhoje*, de São Paulo. Desde então, publicou diversos poemas e contos nos *Cadernos Negros* e em outras diversas antologias, além de coletâneas de poemas, coletâneas de contos e dois romances: *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2006), *Poemas de Recordação e Outros Movimentos* (2008), *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), *Olhos d’água* (2015) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016).

Mulher, negra, de origem pobre. É desse lugar que Conceição fala, que Conceição escreveu e escreve seus livros. Da sua estreia em 2003 com *Ponciá Vicêncio*, lançado nos Estados Unidos, na França e em breve no México, a *Olhos d’água*, vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Contos em 2015. Até chegar a *Histórias de leves enganos e parecenças*, reunião de contos recém-lançada que marca também a estreia da Editora Malê. Em todos os seus trabalhos estão

presentes a crítica social e a religiosidade, que ela prefere chamar de ancestralidade.

No ensaio, *Da Grafia* – Desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita (2005), Conceição Evaristo, apresenta o conceito de Escrivivência, que consiste na escrita a partir das experiências que o autor obtém ao longo de sua vida. O ato de criar através da escrita pressupõe um dinamismo próprio do sujeito autor, de forma a proporcionar a esse sujeito a sua auto inscrição no mundo. Segundo Evaristo, a Escrivivência é consciência do vivido que faz da escrita compromisso como um lugar de autoafirmação das particularidades e especificidades do escritor, no seu caso, assim como no de Chimamanda, essa consciência é aquela de um sujeito-mulher-negra. A reflexão no campo individual resulta numa construção coletiva de significados que permeiam as subjetividades desses sujeitos-mulheres-negras. As rupturas que nascem das escolhas das escritoras trazem o espaço fundamental para colocar em pauta um possível diálogo das mudanças necessárias nos sistemas de discriminação de gênero institucionalizados. “A nossa *escre(vivência)* não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2005, p. 3).

Nas postagens do seu blog Ifemelu faz relatos e observações contundentes acerca das questões raciais, principalmente sobre o apagamento da cultura africana junto à comunidade negra americana e a invisibilidade social da mulher negra. Através das postagens no blog, Adichie pode liberar seu lado mais polêmico e fazer valer suas opiniões e sua voz. Tanto na vida da autora quanto em *Americanah*, as escritas de Chimamanda e de Ifemelu demonstram o meio pelo qual selecionam momentos e estratégias de elaboração do vivido, de modo a decodificar o universo das palavras trazendo para ambas a possibilidade de inserir-se para modificar sua realidade.

Ela [Ifemelu] jamais esqueceria aquele homem, os pedaços de pele presos aos lábios ressecados, e iniciaria o post intitulado “Às vezes, nos Estados Unidos, raça é classe” com a história de sua mudança drástica de atitude, terminando com a frase: *Para ele, não importava quanto dinheiro eu tinha. De acordo com sua maneira de ver as coisas, eu não me encaixava no papel de proprietária daquela mansão por causa da minha aparência. No discurso público dos Estados Unidos, muitas vezes “negros”, como um todo, são colocados na mesma categoria que “brancos pobres”. Não “negros*

*pobres” e “brancos pobres”. Mas “negros” e “brancos pobres”. É uma coisa muito curiosa mesmo. (ADICHIE, 2014, p.181-182)*

O blog estrutura o romance. Em muitos capítulos uma postagem resume um tema ou tópico sobre racismo, política, ou cabelo afro e em seguida as vivências e diferentes momentos da experiência de Ifemelu se tornam, de certa forma, exemplos de como essas questões formam *links* associativos com os eventos de sua vida, que formam suas opiniões e por consequência impactam a expressão da sua identidade. Observamos na obra de Chimamanda a presença

[...] daqueles três elementos formadores da *escre(vivência)*: corpo, condição e experiência. O primeiro elemento reporta à dimensão subjetiva do existir negro, arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos. A representação do corpo funciona como ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que a vida confere. O segundo elemento, a condição, aponta para um processo enunciativo fraterno e compreensivo com as várias personagens que povoam a obra. A experiência, por sua vez, funciona tanto como recurso estético quanto de construção retórica, a fim de atribuir credibilidade e poder de persuasão à narrativa. (OLIVEIRA, 2009, p.02)

No encontro com a diversidade, a autora busca representar um mundo onde os diferentes convivem cotidianamente, em relações que podem ser conflituosas, segregacionistas ou apaziguadoras. No universo de trocas que é a sociedade, as várias histórias sobre um mesmo tema podem ser encontradas nas vozes e ações de personagens de lados opostos e entre aqueles que escapam dos lados, estando eles no *entre-lugar* (BHABHA, 1998). Talvez Ifemelu nem tenha se dado conta de que suas reflexões são exatamente a fundamentação de boa parte dos Estudos Pós-Coloniais e da História Nova. Nesse sentido, os textos de Ifemelu e Chimamanda possuem em comum a missão política de inventar outro futuro para si e para seu coletivo, o que lhes imbuí de uma espécie de dever de memória e dever de escrita.

Surge a fala de um corpo que não é apenas *descrito*, mas antes de tudo *vivido*. A *escre(vivência)* das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (EVARISTO, 2005, p.8 )

Tomar toda a complexidade de uma pessoa e de seu contexto e reduzi-los a um só aspecto é o que Chimamanda chama de o perigo da história única. Como estudante nigeriana em uma universidade nos Estados Unidos, ela vivenciou isso com frequência. A imagem do continente africano como lugar de guerras e fome se refletiu na imagem que tinham dela. De sua colega de quarto, Chimamanda escutou questionamentos sobre sua capacidade de falar inglês ou de operar um fogão e dúvidas sobre a “música tribal” que ela escutava. “Nessa única história não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela, de jeito nenhum” (ADICHIE, 2009). Assim, ela passou a abordar em sua obra uma perspectiva para apreciação da diferença rejeitando o olhar ocidental unívoco e segregacionista que indiscriminadamente homogeneiza as identidades multiculturais.

Discutimos aqui como a escrita e a condição autobiográfica do sujeito autoral se articulam na obra de Chimamanda Ngozi Adichie. Através do conceito da Escrivivência, Conceição Evaristo nos possibilita uma abordagem de como Chimamanda, essa mulher negra nigeriana busca inscrever no *corpus* literário contemporâneo uma forma de auto representação individual e coletiva no contundente registro ficcional de questões raciais e de gênero apresentados no romance *Americanah* (2013).

Analisamos essa possibilidade de reflexão sobre o papel da mulher negra enquanto escritora, verificando as operações estéticas a partir das quais se articulam a potencialidade da palavra à vida e suas intervenções. Esta proposta de leitura trouxe-nos uma nova perspectiva sobre a literatura de Chimamanda Adichie: uma escritora que vivenciou vários estágios de um processo de afirmação identitária individual e coletiva e que não deixa de expressá-las em suas obras. Dessa forma podemos inferir que, como propõe Evaristo, no seu conceito de Escrivivência, Adichie, através da sua escritura, procura se auto inscrever, não apenas como sujeito crítico, mas também como sujeito protagonista de uma mudança da realidade que vivencia, a de um sujeito-mulher-negra na sociedade pós-cultural globalizada contemporânea.



## REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Americanah**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2014.

\_\_\_\_\_. **O perigo da história única** – subtitle transcript, 2009 <disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transcript?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br) > acessado em: 08/09/2015

\_\_\_\_\_. **African “Authenticity” and the Biafran Experience**. Transitions, nº 99, p. 42-53. Indiana University Press, 2008.

BERND, Zilá. **Introdução a Literatura Negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BHABHA, Homi. K. **O local da cultura**. Trad: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010, p.13-82

EVARISTO, Conceição. Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In **Literatura, história, etnicidade e educação**: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana. Org. Denise Almeida Silva, Conceição Evaristo – Frederico Wesphalen: URI, 2011, p.131-141.

\_\_\_\_\_. **Da Grafia – Desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. (org) Marcos Antônio Alexandre, Belo Horizonte, Mazza Edições, 2007, p 16-21.

\_\_\_\_\_. **Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. In Mulheres do mundo – Enia, Marginalidade e Diáspora. Org. Nazilda Martins de Barros Moreira & Liane Schnider, João Pessoa, UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2005

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. **“Escrivivência” em becos da memória de Conceição Evaristo**. In Revista de estudos Feministas, Florianópolis, 17: 344, 2009. p. 621-623

SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own** – British Women Novelists from Brontë to Lessing. New Jersey: Princeton University press, 1977.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.